

**DRAMATICIDADE EM ANTÔNIO VIEIRA:
ASPECTOS DO *THEATRUM SACRUM***

Fernando Barboza de Carvalho (UERJ)

fernando.barbozacrvlho@gmail.com

Ana Lúcia Machado de Oliveira (UERJ)

analuciamachado54@terra.com.br

RESUMO

No “Sermão Pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda”, na traça de sua argumentação, Vieira traz à luz de sua oratória episódios bíblicos abordados de uma perspectiva histórica, que lhe permite fazer uma atualização para a realidade portuguesa. Encontram-se em sua querela paralelos entre determinados momentos bíblicos e a experiência vivenciada pelos ibéricos no momento da prédica. A parte disso, Vieira traça um retrato de Deus como, além de benevolente, que tende ao perdão, uma divindade que se preocupa também com sua própria imagem. Temos no texto Vieira-Davi, Vieira-Moisés e Vieira-Jó. Explicitaremos aqui que o jesuíta não só busca o exemplar na história, mas também aplica a eles seus artifícios retórico-poéticos, que potencializam o caráter dramático do sermão.

Palavras chave:

Política. Teologia. Teatralização. Antônio Vieira.

Neste texto, temos por objetivo principal estudar o “Sermão Pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda”, de Antônio Vieira, analisando os aspectos dramáticos e a criação de cenas dentro da cena central de sua pregação, além da encenação de interlocutores, que trazem ao sermão um caráter dialógico e até teatral. Buscaremos embasamento na tradição retórico-poética clássica, que nos permita compreender os mecanismos por trás da pregação do jesuíta, de modo a investigar a afirmação de um *ethos* que demonstra, além do domínio dos estudos das humanidades, uma integração dele ao sistema político-teológico da sociedade de corte da península Ibérica do século XVII.

Nos empenharemos em demonstrar, principalmente, como a inserção dos aspectos dramáticos à oratória sacra é uma poderosa ferramenta de convencimento dos ouvintes, explorando, em especial, a retórica no que diz respeito a sua principal função: o falar bem e de forma convincente. Para isso, será necessário, primordialmente, nos atermos ao estudo da *actio* vieiriana, e os aspectos performáticos do pregador, inerentes à *pronunciatio* de seus textos. Intentaremos reestruturá-los a partir de um exame dos preceitos retórico-poéticos vigentes no seiscentos ibérico. Será necessário também um exame minucioso a respeito do papel da arte para um je-

suíta do tempo de Antônio Vieira, buscando evidenciar seu uso instrumental no caminho para um fim almejado: a evangelização.

Demonstraremos como Vieira lança mão de uma cenografia histórica, usando ornatos dialéticos a serviço de sua oratória sacra, não havendo na pregação do inaciano uso da fantasia que não esteja submetida a um propósito político-teológico. Além disso, cabe destacar que as cenas plasmadas nos sermões são atualizações históricas alicerçadas pela Escritura Sagrada ou pelas ações dos santos beatificados pela igreja católica.

Para uma melhor compreensão do texto, é importante expor brevemente o seu contexto histórico: o sermão foi pregado na Bahia, na Igreja de N. S da Ajuda, em 1640. O local se faz sugestivo à prédica, visto que esta é uma apelação à ajuda divina. Chamamos atenção para isso, pois o lugar de enunciação do sermão está totalmente ligado ao seu tema, o que faz parte da estratégia argumentativa do autor. O ano da pregação também ficou marcado por ser o último ano da União Ibérica, que durou de 1580 até 1640, ou seja, Portugal deixou de ser dominado pela Espanha e passou a ter, outra vez, um rei português: D. João IV. Como o sermão ocorreu no mesmo ano, evidencia-se que durante o momento de pregação já havia um enfraquecimento da união ibérica, que pode ter suscitado uma nova tentativa de os holandeses penetrarem a Bahia, como já havia acontecido em 1624, e foi relatado pelo próprio Antônio Vieira, na carta anual de 1626. Ao tentar invadir a Bahia, os holandeses têm o intuito de tomar para si o monopólio do comércio açucareiro, que no momento pertencia aos ibéricos.

No período em questão, a Bahia estava sendo atacada pelos holandeses e defendida pelos portugueses, que no momento eram detentores das atividades políticas, econômicas e teológicas da colônia brasileira. A prédica é explanada ao final de um período de deprecações que aconteceram ao longo de 15 dias em todas as igrejas da cidade. A situação se dá por conta de os portugueses já estarem sem esperança de conseguirem combater as armadas holandesas, que avançavam a passos largos para efetuar o domínio da colônia. O pregador tem diante de si um auditório formado por um povo já sem esperança, que teme as ações dos hereges que avançam contra a Bahia trazendo os males que uma guerra supõe, males que, como já evidenciado, os colonos já haviam experimentado antes, no ano de 1624, quando os Holandeses conseguiram dominar a Bahia.

Neste sermão, Vieira prega a dois auditórios: o primeiro é o auditório visível, para o qual o hermeneuta expõe a situação em que se en-

contrava o Rei Davi, no Salmo 43 e acomoda-o à situação do Estado português, com acréscimos que complementam a escritura divina. É também desse ponto de partida que Antônio Vieira tira o seu tom de argumentação: assim como o profeta, o inaciano também falará a Deus com “palavras piedosamente resolutas”, falará “piedosamente atrevido contra ele”. Na escritura, diz o profeta: “Desperta! Por que dormes, Senhor? Acorda! Não nos rejeite para sempre! Por que escondes a face e te esqueces da nossa miséria e da nossa opressão? Levanta-te em nosso auxílio e resgata-nos por amor das tuas misericórdias” (VIEIRA, 2000, p. 443). A partir desse contexto, o exegeta traça um paralelo com a situação de Portugal no período da pregação. O segundo auditório, que traz a maravilha ao sermão, provocando um efeito surpresa, é o Próprio Deus, teatralizado por meios de instrumentos retóricos, de modo a criar uma cena dentro da cena, e em ambas o pregador é o protagonista: há Antônio Vieira pregador diante dos fiéis e também há Antônio Vieira advogado diante do juiz Deus.

É importante ressaltar que, conforme a importantíssima contribuição de Alcir Pécora (1994), todo sermão é teatral, pois nele há um ator, um público e também personagens. Porém o sermão não é apenas arte dramática, mas sim a arte aplicada aos preceitos político-teológicos da época. Conforme evidencia a síntese que João Adolfo Hansen fornece: “Unidade produzida de integração prática, o sermão é um teatro retórico que é um teatro teológico político: *teatro do sacramento*” (HANSEN, 2008, p. 16). Tal argumentação se faz importante para destacar a posição do jesuíta quanto à teatralização do sermão, a cenografia que se apresenta na oratória.

Sabe-se, *a priori*, que os jesuítas nutriam grande interesse pelo teatro, por reconhecerem seu poder persuasivo e, por isso, tal prática era ensinada desde cedo nos colégios da companhia de Jesus, segundo Ana Lucia M. de Oliveira: “Com propósito didático, direcionado à educação dos estudantes que atuavam e dos que assistiam, o teatro era uma oportunidade para que expusessem suas habilidades em expressar os valores religiosos e morais aprendidos” (OLIVEIRA, 2008, p. 12).

Embora o hermeneuta seja professor de retórica e domine as técnicas retórico-poéticas e as práticas teatrais, de modo a aplicá-las magistralmente em seus sermões, para Vieira, a fantasia não é autônoma dentro do sermão, ela age a serviço do Verbo e também do Estado português, que era considerado pelos jesuítas o reino de Deus na terra. Cabe destacar que o tema em questão é discussão central do belíssimo “Sermão da

Sexagésima”, texto em que o jesuíta acusa os dominicanos de usar a arte apenas a serviço da arte, quando deveriam usá-la a serviço da palavra de Deus. De acordo com Hansen: “Vieira toma partido de uma cenografia histórica (...) acusando os dominicanos de fazerem uma cenografia poética” (HANSEN, 2008, p. 24).

No “Sermão Pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda”, na traça de sua argumentação, Vieira traz à luz de sua oratória episódios bíblicos abordados de uma perspectiva histórica, que lhe permite fazer uma atualização para a realidade portuguesa. Encontram-se em sua querela paralelos entre determinados momentos bíblicos e a experiência vivenciada pelos ibéricos no momento da pré-dica. Temos no texto Vieira-Davi, Vieira-Moisés e Vieira-Jó. É importante ressaltar que Vieira não só busca o exemplar na história, mas também aplica a eles seus artifícios retórico-poéticos, que potencializam o caráter dramático do sermão. Os paralelos que Vieira traz ao sermão são plausíveis porque, segundo Antônio Saraiva: “para o homem do século XVII, a história não era, como para nós, uma “evolução”, mas uma variação na permanência: o Homem e os homens eram uma constante, ainda que oscilante e diversa” (SARAIVA, 1980, p. 108).

Esta abordagem focará, a partir deste ponto, na estratégia argumentativa usada pelo jesuíta para mover as paixões de seus auditórios. Para melhor evidenciar o valor desta argumentação, atentemo-nos para a síntese que Saraiva nos apresenta sobre o sermão pregado pelo jesuíta:

O autor-ator nos dá uma lição sobre a arte de cativar, se assim se pode dizer, um parceiro, que aqui é nada menos que o próprio Deus. Percorre um leque muito rico de sentimentos: suplica, censura, carinho, conselho quase paternal, ameaça, e, se não chega até a blasfêmia, passeia perigosamente nas bordas desse abismo a ponto de assustar os ouvintes. De certa maneira, aliás, o interesse do jogo está não no que diz, mas naquilo que parece prestes a dizer (...) (SARAIVA, 1980, p. 97)

Como já apontado, o exegeta direciona sua pregação a dois auditórios. Ao primeiro auditório, Vieira expõe e interpreta livremente o Salmo 43, aplicando-o à realidade portuguesa, embasado pelas palavras de S. Jerônimo, que atesta que àquela letra se estende “a qualquer Reino, ou Província católica, destruídas e assoladas por inimigos da fé”. Além do embasamento buscado em S. Jerônimo, Vieira acrescenta com veemência que, embora se aplicasse a qualquer Reino, “a nenhum lhe quadra melhor que ao nosso Reino de Portugal; e entre todas as províncias de Portugal, a nenhuma vem mais ao justo que à miserável província do Brasil” (VIEIRA, 2000, p.443). Para além da tradução e das paráfrases

do texto divino, o inaciano traz acréscimos, de modo que o encaixe no contexto histórico fique mais plausível aos seus espectadores, pois esses acréscimos têm o intuito de fazer com que os ouvintes enxerguem e aceitem melhor a acomodação pretendida. Vejamos um exemplo de tradução com uma extensão feita pelo pregador:

Deus, *auribus nostris* audivimus, *Patres nostri* annuntiaverunt nobis, *opus, quod operatus es in diebus eorum, et in diebus antiquis*. Ouvimos (começa o profeta) a nossos pais, lemos nas nossas histórias e ainda os mais velhos viram, em parte, com seus olhos as obras maravilhosas, as proezas, as vitórias, as conquistas, **que por meio dos portugueses obrou em tempos passados vossa onipotência, Senhor.** (VIEIRA, 2000, p. 443) (Grifo meu)

Estes acréscimos fazem uma ponte para o contexto histórico do pregador, que dá à oratória do hermeneuta um caráter de atualização divina na história, pois o texto hebreu refere-se ao contexto de Israel, a aplicação é em cima daquele contexto já passado, porém os acréscimos o acomodam ao contexto de Portugal. A respeito disso, Margarida Vieira Mendes reflete que a especularidade que Vieira faz do texto bíblico expõe “o orador como sujeito, com a capacidade e com o dever de pronunciar tais falas sagradas, de com elas dar sentido ou reconhecer a história presente e de sobre ela agir” (MENDES, 1989, p. 258), e complementa: “Dá-se também uma sobreposição teatral discursiva: quem fala agora desempenha o papel de quem falava nos textos do Antigo Testamento (David, Job, Moisés)” (MENDES, 1989, p. 258).

Como bem reparou a autora portuguesa, o jesuíta buscar afirmar sua imagem de autoridade, como pessoa capaz de interpretar e atualizar o Verbo divino na história: “novo Moisés”, que se dirige ao próprio Deus. A valorização da imagem do pregador é de suma importância para o jesuíta do século XVII, pois, em âmbito político-religioso, os portugueses se inseriam em um contexto de contrarreforma. Sabemos, *a priori*, que a IV sessão do Concílio de Trento, em 8 de abril de 1546, declarou herética a tese da igreja reformada, que defendia que o fiel deveria ter sua própria interpretação das escrituras, dispensando a presença do clero, *sola fide et sola scriptura*. “Só com a fé e só com a escritura”. Este embate é de suma importância para a argumentação de Vieira, pois, além da briga pelo comércio açucareiro, estava em jogo também o destino religioso de toda uma nação, de um lado os Luteranos e Calvinistas, considerados heréticos pelos portugueses, do outro os contrarreformistas, ambos buscando demonstrar a verdade de sua religião. Conforme evidencia a parenética do inaciano:

Já dizem os hereges insolentes com os sucessos prósperos, que vós lhes dais ou permitis: já dizem que porque a sua, que eles chamam religião, é a verdadeira, por isso Deus os ajuda e vencem; e porque a nossa é errada e falsa, por isso nos desfavorece e somos vencidos. Assim o dizem, assim o pregam, e ainda mal, porque não faltará quem os creia (VIEIRA, 2014, p. 448)

Vieira complementa ainda chamando a atenção de Deus para o destino religioso do gentio:

Olhai, Senhor, que vivemos entre gentios, uns que o são, outros que o foram ontem; e estes que dirão? Que dirá o Tapuia bárbaro sem conhecimento de Deus? Que dirá o Índio inconstante, a quem falta a pia afeição da nossa Fé? Que dirá o Etíope boçal, que apenas foi molhado com a água do batismo sem mais doutrina? Não há dúvida que todos estes, como não têm capacidade para sondar o profundo de vossos juízos, beberão o erro pelos olhos. Dirão, pelos efeitos que vêem, que a nossa Fé é falsa, e a dos holandeses a verdadeira, e crerão que são mais cristãos, sendo como eles. (*Id., ibid.*, p. 449)

Já expostos os aspectos político-teológicos do texto, passemos agora a uma análise do caráter dramático do “Sermão Pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal Contra as de Holanda”. O ponto de partida para a argumentação é a própria maravilha do sermão, o aspecto que causa espanto e surpresa aos espectadores, marcado pelo trecho em que Vieira indica quem será seu interlocutor a partir desse ponto de sua prédica e qual será sua pretensão perante este locutor. A um Deus antropomorfizado o pregador se dirige: “Não hei de pregar hoje ao povo, não hei de falar com os homens; mais alto hão de sair as minhas palavras ou as minhas vozes: a vosso peito divino se há de dirigir todo o sermão” (*Id., ibid.*, p. 446). E anuncia: “quero eu, Senhor, converter-vos a vós. Tão presumido venho da vossa misericórdia, Deus meu, que ainda que nós somos os pecadores, vós haveis de ser o arrependido” (*Id., ibid.*, p. 446).

Seguindo o fio argumentativo plasmado pelo hermeneuta, atente-mos na afirmação de que Deus se arrependerá. Com isso, pressupomos desde já que, se há arrependimento, também há culpa, a partir disso, seguimos a argumentação de Vieira para o apontamento da culpa de Deus:

O Reino de Portugal, como o mesmo Deus nos declarou na sua fundação, é reino seu e não nosso: *Voloenim in te et in semine tuo imperium mihi stabilire*, e como Deus é o rei: *Tu es ipse rex meus et Deus meus*; e este rei é o que manda e o que governa: *Qui mandas salutes Jacob*, ele que não se muda é o que causa estas diferenças, e não os reis que se mudaram. (*Id., ibid.*, p. 445)

Tendo apontado a culpa de Deus, e sendo essa uma “verdade certa, e sem engano”, Vieira busca expor, além da autoridade de seus argumentos, embasados por uma atualização histórica de outros episódios da Escritura Sagrada, a benevolência de sua prédica para Deus, pois defende não seus interesses próprios ou os interesses do povo, mas o interesse do próprio Deus: “de nenhum modo os fundamos na presunção de nossa justiça, mas todos na multidão de vossas misericórdias. (...) Argumentamos, sim, mas de vós para vós; apelamos, mas de Deus para Deus – de Deus justo, para Deus misericordioso” (*Id., ibid.*, p. 447).

Guiando-se pela certeza de um Deus misericordioso, Vieira traz, à luz de sua argumentação, a altercação que Moisés dirige a Deus. O episódio se dá quando o povo de Israel, já livre dos egípcios, está no deserto e começa a adorar a imagem de um bezerro de ouro. Deus, irado com o pecado do povo, disse a Moisés que os destruiria ali mesmo. Porém Moisés, em vez de aceitar a sentença de Deus, argumenta. Seus argumentos de Moisés estão pautados em duas afirmações principais, que são muito caras às questões de Vieira: a primeira, que pode ser aplicada em qualquer tempo e a qualquer pecado, é a afirmação da imensa misericórdia de Deus, e por isso Ele teria mais motivos para perdoar do que para castigar; a segunda, que me parece mais assertiva quanto à questão do paralelo histórico Vieira-Moisés, Israel-Brasil, é a preocupação com a imagem de Deus perante os inimigos da fé: O que dirão os egípcios? O que dirão os hereges?

A semelhança histórica que o hermeneuta expõe entre a situação de Israel e a situação do Estado português, leva-o a argumentar perante o modo de agir de Deus, e quanto à questão de seu nome: “Muita razão tenho eu logo, Deus meu, de esperar que haveis de sair deste sermão arrependido, **pois sois o mesmo que éreis**, e não menos amigo agora, que nos tempos passados, de vosso nome: *Propter nomen tuum*. (*Id., ibid.*, p. 448) (Grifo meu). À parte isso, Vieira traça um retrato de Deus como, além de benevolente, que tende ao perdão, uma divindade que se preocupa também com sua própria imagem. Parte de sua argumentação se dirige a essa questão: o que dirão de vós? Tirando o foco do pedinte, assim, Deus não estaria perdoadando e ajudando-os por conta de que estes fizeram por merecer o perdão, mas sim porque o perdoar agora o engrandece tanto quanto antes, pois sois o mesmo que éreis. Vejamos nas palavras do jesuíta: “Não o digo por nós, que pouco ia em que nos castigásseis; não o digo pelo Brasil, que pouco ia em que o destruísseis; por vós o digo e pela honra de vosso Santíssimo Nome, que tão imprudentemente se vê blasfemado: *Propter nomen tuum*.” (*Id., ibid.*, p. 449).

Passemos agora para o paralelo que o pregador faz com Jó, o qual, seguindo a análise de Antônio Saraiva, consideraremos o episódio bíblico de maior apelo dramático evocado pelo padre jesuíta em sua apelação. O capítulo em questão, em nosso entendimento, está no centro das principais questões do sermão em chave político-teológica, das quais destacaremos apenas a questão da contrarreforma, já abordada aqui, que, como vimos, é um ponto central na argumentação vieiriana. “Mas só vos digo e vos lembro uma coisa: que se me buscardes amanhã, que me não haveis de achar”, por mais que a prédica não se desdobre desse trecho, pois não é esse o evangelho do dia escolhido pelo hermeneuta, ele dá conta dos principais argumentos do sermão, dos quais ressaltamos o argumento da ausência dos portugueses já conhecida por Deus, pois, em um passado recente a Bahia já havia sido conquistada pelos hereges, como vimos durante a argumentação aqui exposta.

De acordo com a argumentação de Vieira, Deus sabe como é, e para além disso, fazendo sua previsão irônica de futuro, Deus fica sabendo como será. Na ausência de portugueses e ocupada pela Holanda, como está prestes a ser, caso Portugal perca a batalha pela Bahia, o hermeneuta explícita, em tom sarcástico, sua previsão:

O mesmo digo eu, senhor, que não é muito rompa nos mesmos afectos, quem se vê no mesmo estado. Abrasai, destruí, consumi-nos a todos; mas pode ser que algum dia queirais espanhóis e portugueses, e que os não acheis. Holanda vos dará os apostólicos conquistadores, que levem pelo Mundo os estandartes da cruz; Holanda vos dará os pregadores evangélicos, que semeiem nas terras dos bárbaros a doutrina católica e a reguem com o próprio sangue; Holanda defenderá a verdade de vossos Sacramentos e a autoridade da Igreja Romana (...). (VIEIRA, 2000, p. 453)

Percebe-se, na engenhosidade irônica de Vieira, fazendo uma previsão totalmente contrária ao panorama do que seria o pós-guerra, caso houvesse a derrota de Portugal para a Holanda, o momento em que seu sermão chega ao ápice de sua acidez. As palavras de Jó já não são mais piedosamente atrevidas como as de Davi e de Vieira por consequência, mas são um ultimato ao próprio Deus, uma ameaça para as consequências de suas próprias ações. Atualizado nas palavras do hermeneuta, o discurso se torna ainda mais agudo e mordaz, pois o jesuíta traz em sua arte, nesse ponto irônica e sarcástica, todo o descontentamento de quem, assim como Jó, está no seu limite: “se me buscardes amanhã, não me haveis de achar”. Assim Vieira chega ao clímax de sua argumentação, o qual só não toca seus pés na blasfêmia por conta da autoridade de Jó, que valida toda sua argumentação. Pois, por mais que o inaciano traga sua ar-

te retórico-poética e crie argumentos que façam com que ele possa ser visto como alguém que está, por conta própria, tentando convencer o próprio Deus, o que seria demasiado atrevido para um pregador do século XVII. O jesuíta é apenas exegeta do Verbo Eterno, sua argumentação jamais se desprende de um fio lógico no qual estão amarradas a retórica, a política e a teologia.

E quando a arte e seus argumentos se alargam a ponto de nos dar a aparência de o hermeneuta ter perdido os meandros de sua argumentação, esta logo se recolhe em toda sua engenhosidade e captação de benevolência, como podemos perceber na continuidade de seus argumentos: “Bem vejo que me podeis dizer, Senhor, que a propagação de vossa Fé e as obras de vossa glória não dependem de nós, nem de ninguém, e que sois poderoso, quando faltem homens, para fazer das pedras filhos de Abraão” (*Id., ibid.*, p. 453). Todo atrevimento irônico de Vieira se arrefece no reconhecimento do poder Deus e também de toda a humildade do homem, que se sabe menor.

A partir dos pontos aqui expostos fica notável o caráter teatral no “Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda” e como este se relaciona politicamente com a situação de Portugal na época em que a prédica foi apresentada, no qual o pregador traça um paralelo histórico com episódios bíblicos, criando uma imagem palpável de Deus, que, segundo ele, sairá arrependido ao término da pregação, com a qual se pudesse argumentar, tomando como exemplo as autoridades bíblicas, das quais são mais frequentemente citados: Davi, Moisés e Jó. Vieira utiliza dos preceitos retórico-poético e nos dá uma aula de uma argumentação engenhosa e aguda, que vai ao limite e quase toca o que poderíamos considerar como blasfêmia, pedindo, implorando, ameaçando, cobrando, porém, sem soltar o fio lógico que traz amarrado em si os preceitos políticos, teológicos e retóricos que representam o ponto de vista de um jesuíta de sua época.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

HANSEN, João Adolfo. Prefácio. In: PÉCORA, Alcir. *Teatro do Sacramento*. 2. ed. Campinas-SP: Unicamp; São Paulo-SP: EdUSP, 2008.

MENDES, Margarida Vieira. *A oratória barroca de Vieira*. Lisboa, Editorial Caminho SA, 1989.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

OLIVEIRA, Ana Lúcia M. de. Encenações do eu no theatrum sacrum de Antônio Vieira. In: CHIARA, A.C.; ROCHA, F.C. (Org.). *Literatura brasileira em foco: o eu e suas figurações*. Rio de Janeiro, Casa doze, 2008.

PÉCORA, Alcir. *Teatro do sacramento*. São Paulo: EdUSP; Campinas: Unicamp, 1994.

SARAIVA, José Antônio. *O discurso engenhoso*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

VIEIRA, Antônio. *Sermões*. Vol. 1. Org. de Alcir Pécora. São Paulo: Hedra, 2000.